

Sarney não lutará por

Ele defende a tese mas, segundo Prisco Viana, deixará

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira, 23 de dezembro de 1986

parlamentarismo

que a Constituinte decida sem pressão

ADRIANO LAFETA
Da Edição de Política

O presidente José Sarney é parlamentarista mas não deverá interferir na Constituinte a favor dessa forma de governo, embora fosse capaz de fazer crescer muito a sua ala de simpatizantes. Essa é a expectativa do deputado Prisco Viana (PMDB/BA), o nome mais cogitado para o lugar do ministro Marco Maciel, no caso do chefe da Casa Civil resolver reassumir sua cadeira de senador (agora também de constituinte) por Pernambuco.

O deputado tem uma explicação, senão convincente, ao menos lógica para a posição de neutralidade que imagina para Sarney: "Não sei se é do interesse dele favorecer um regime que, no fundo, lhe tiraria poderes". Mas mesmo com a ausência do presidente, Prisco se diz convencido de que o parlamentarismo será destaque nos debates da Constituinte, lembrando que a bandeira tem aliados fortes, como o senador Afonso Arinos (PFL/RJ).

ADVERSARIO

Se as previsões que levam Prisco Viana para o lugar de Marco Maciel são corretas, o Presidente continuará tendo na Casa Civil um opositor do regime parlamentarista. O deputado entende que mais do que mudar o sistema de governo, é preciso fortalecer o Congresso. E acha que adotar o parlamentarismo não seria a forma mais adequada para se conseguir isso, porque o País ainda não está preparado para tanto.

Na sua opinião, antes do parlamentarismo, teríamos, por exemplo, que implantar eleições distritais, como forma de criar uma

consciência partidária. "Faltam partidos fortes, consolidados, com doutrina e programas já aceitos por correntes distintas da sociedade. Os partidos são ainda muito frágeis no Brasil. Aliás, na sua maior parte, nem existência legal têm ainda", observou.

Mas não é só de partidos fortes que carece o Brasil para mudar para o parlamentarismo, segundo afirma Prisco Viana. "Meu receio — revela — é que pela via do parlamentarismo se agrave a instabilidade política, estabelecendo o caos administrativo". Ele explica que o País não tem uma burocracia estável. "Todo governo que entra, muda do motorista ao chefe de gabinete", se queixa.

PAREO DURO

O deputado reconhece que há um anseio por uma divisão do poder, mas está certo de que é perfeitamente possível atender a esse reclamo dentro do presidencialismo. E aí apresenta mais um porém à proposta parlamentarista. "O povo já se habituou, depois de quase um século de presidencialismo, com o presidente chefe da Nação, não é fácil fazer a cabeça assim tão rapidamente".

Mesmo com tantos contras, o deputado acha que em todos os partidos há parlamentarista, embora também haja presidencialistas, dando a entender que decidir por um ou outro sistema será uma questão difícil para a Constituinte. Quanto ao povo, arrisca que sua índole está mais para presidencialista, regime que, entende, também deve ser o preferido dos candidatos à presidência da República, pelo mesmo motivo que espera ver Sarney fora da disputa.

Uma amostra de como será duro esse embate pode ser obtida numa rápida conversa com constituintes. Fernando Lyra (PMDB/PE), que aspira à presidência da Câmara dos Deputados, não temendo uma disputa com Ulysses Guimarães, prefere não entrar a fundo no tema, talvez para não contrariar possíveis correligionários. Mas embora afirme ser cedo para por o tema em debate, se confessa defensor de um presidencialismo congressual, o que soa bastante próximo do que deseja Prisco Viana.

Para Lyra, "o parlamentarismo puro é muito difícil, mas tudo é possível na Constituinte". E o deputado Amaral Netto, líder do PDS na Câmara, considera que "o parlamentarismo híbrido é estudável". E com o tom opositorista que vem caracterizando sua atuação desde a instalação da Nova República, acrescenta que "na situação de crise que vem aí, não teria dúvida em dizer que seria viável (o parlamentarismo híbrido), desde que não fechassem o Congresso cada vez que caísse um ministro".

Outro líder partidário, Hebert Levy, PSC/SP, mostra que val entrar de sola nessa discussão: "Se tiverem bom senso e realismo, verão que o parlamentarismo é a única saída, inclusive para Sarney". Na sua opinião, o presidencialismo concentra muito poder nas mãos do presidente. E acrescenta que o povo, "que hoje não tem a menor estima pelo Parlamento", vai descobrir, quando ver os parlamentares interpellando os ministros diariamente, que a Casa "é uma trincheira da democracia".